

Editorial

Cotidiano, saberes e práticas tradicionais

Hélio Rebello Cardoso Jr¹
Hélio Sochodolak²

Este dossiê agrega trabalhos sobre o cotidiano, os saberes e as práticas tradicionais de grupos nem sempre considerados importantes pela historiografia. Destacam-se, nesse universo, os povos tradicionais como faxinalenses e quilombolas, mas também os indígenas e outros grupos rurais e/ou urbanos. Alguns saberes e práticas subsistem aos estatais e científicos, tais como o uso de ervas medicinais, as práticas de cura, os saberes sobre a chuva e as estações do ano, o comércio não formal, dentre outras.

Quase sempre tais conhecimentos e práticas não são sistematizados e se utilizam da oralidade, das imagens (imaginação) e de formas alternativas de registro para serem difundidos e preservados. Os conceitos de espaço liso e de espaço estriado da nomadologia deleuziana, juntamente com conceito de região, oferecem elementos interessantes para estudarmos historicamente os saberes e as práticas tradicionais e compreendermos as suas permanências e mudanças. Segundo Deleuze/Guattari, o espaço estriado é codificado – decodificado enquanto o liso o territorializa e desterritorializa. O liso opera num espaço aberto, enquanto o estriado no espaço fechado, esquadrinhado e controlado.

Daí seguem outros pares de oposição/distinção entre os espaços: ciência nômade - ciência régia/estatal; nomos - polis; noológico - ideológico; espaço intensivo - espaço extensivo; e assim por diante. Ocorre que uma das tarefas fundamentais do Estado é estriar o espaço sob seu domínio, bem como barrar uma ciência nômade que precisa ser estriada. Por sua vez, constantemente, o estriado se torna liso. A dinâmica liso/estriado é a própria dinâmica da história-vida, do cotidiano e seus jogos de força.

Os trabalhos, reunidos aqui, têm como orientação geral os conceitos deleuzianos, mesmo que não sejam mencionados diretamente. Procuramos reunir produções de autores com experiência na

¹ Programa de Pós-graduação em História - UNESP

² Programa de Pós-graduação em História - UNICENTRO

pesquisa sobre os temas tratados. Além do referencial teórico em comum, os autores se articulam sob o eixo temático do cotidiano, dos saberes e das práticas compreendidos como tradicionais. Tal alcunha, se dá aos conhecimentos que escapam das estratégias do poder, do sistema e do Estado e se utilizam de táticas de transmissão e de conservação. Sobrevivem ao tempo sendo constantemente reinventados como é próprio da dinâmica das táticas e das astúcias das sabedorias populares. Os conceitos da nomadologia deleuziana problematizam teoricamente a compreensão de numerosos saberes e práticas tradicionais nos contextos dos objetos desse número.

No primeiro texto, *Povos/populações tradicionais entre o nomadismo e a circulação securitária no neoliberalismo*, Flávia Cristina Silveira Lemos e Eliéser Azevedo traçam algumas linhas de um mapa móvel e dinâmico, ensaiando um diagrama de forças entrecruzadas a respeito da temática do nomadismo como resistência às forças neoliberais que funcionam em rotação acelerada e tentativa de captura contínua, na atualidade. Para tanto, coloca-se em xeque a lógica empresarial e legalista que vem codificando os modos de ser de grupos que estavam à parte do circuito econômico capitalista e neoliberal. Parte-se das contribuições de Deleuze, de Guattari e de Foucault para problematizar os efeitos no presente destas tecnologias de poder, saber e subjetivação.

Pensar determinados grupos, como povos, implicou em legalizar seus atos pelo Estado Soberano. Mas regulá-los, nomeando-os de populações tradicionais, permitiu operar procedimentos de organização por meio do governo da conduta em termos de segurança política e econômica, em dimensões biológicas e culturais simultaneamente.

No segundo artigo, *Produtoras de cerveja caseira e cotidiano dos descendentes de imigrantes eslavos na região Centro Sul do Paraná*, os autores, José Adilçom Campigoto, Silvana Slominski e Ancelmo Schörner, tratam da cerveja caseira vinculada ao discurso sobre o que se tem chamado de cultura eslava na região Centro Sul do Paraná. A cultura eslava pode ser considerada como uma construção que os sujeitos fundam, a partir de narrativas sobre a imigração e a identidade dos imigrantes e seus descendentes. As práticas cotidianas, no entanto, demonstram que os modos de fazer, de comercializar, de armazenar modificam-se e indicam a pluralidade e a diversidade características da cultura. A cerveja caseira é aqui concebida como pretexto para percebermos a multiplicidade da cultura na perspectiva do cotidiano.

O terceiro texto, *Será que vai chover? Saber popular e meteorologia televisiva no Cerro do Canhadão, Irati 1960-1980*, de autoria de Mario Kanarski e Hélio Sochodolak, tem como objeto de análise os saberes referentes à previsão de chuva na comunidade do Cerro do Canhadão em Irati-PR. A partir de 1970, percebe-se, historicamente, o confronto desse saber com a meteorologia científica, quando a comunidade teve acesso à televisão e aos programas de previsão do tempo.

O artigo de Neli Maria Teleginski e Valter Martins intitulado *Abastecimento, cotidiano e sociabilidade: o comércio bodegueiro de Irati-PR na primeira metade do século XX*, os autores buscam analisar o comércio realizado pelos armazéns de secos e molhados, conhecidos também como “bodegas”, na

cidade de Irati-PR na primeira metade do século XX. Dessa forma buscam ampliar o debate historiográfico a partir dos aspectos culturais da sociedade.

O quinto trabalho, *Caboclos, pretos velhos experiências e memória da religiosidade afrobrasileira*, dos autores Lúcia Helena de Oliveira Silva e Rodrigo Casali, busca refletir sobre práticas religiosas e a articulação dos elementos sagrados que constituem os espaços religiosos das religiões afrobrasileiras nos espaços simbólicos. Parte-se da premissa de que eles se constituem territórios de expressão de religiosidade, produto de processos híbridos e sincréticos. O texto privilegia um estudo de caso de espaços religiosos constituídos pela umbanda na cidade de Dourados-MS.